E-LETRAS COM VIDA — N.º 7 JULHO/DEZEMBRO DE 2021: pp. 189-204

As implicações do ensino durante a pandemia

The implications of teaching during the pandemic

Aparecida de Lourdes Pedroso de Andrade[1]

Ana Paula André[2]

Pedro Alves[3]

Resumo: O presente trabalho parte de observações e vivências dos autores, professores e de um levantamento bibliográfico acerca da temática abordada, no intuito de colaborar com as discussões sobre o ensino e a utilização das tecnologias durante o período de pandemia mundial causada pela Covid-19, a qual alcançou uma dimensão transnacional, afetando o cenário global. Os anos de 2020/2021 se caracterizaram por diversos sentimentos provenientes da conjuntura pandêmica. Adequações e protocolos de segurança foram criados para evitar a disseminação do vírus. Em meio a isto, crises estruturais foram sendo projetadas com maior intensidade e atingiram o sistema econômico, a saúde, as relações interpessoais, a educação e todos os outros aspectos da existência humana. De forma mais específica, no campo educacional, professores e alunos precisaram se adequar ao momento de substituição das aulas presenciais pela nova configuração das aulas remotas e de en-

Abstract: The present work is based on observations and experiences of the authors, professors and a bibliographical survey on the topic addressed, in order to collaborate with discussions on teaching and the use of technologies during the period of the world pandemic caused by Covid-19, witch is reverberated in a transnational dimension, affecting the global scenario. The years 2020/2021 were characterized by different feelings arising from the pandemic situation. Adequacy and security protocols were created to prevent the spread of the virus. Amidst this, structural crises were being projected with greater intensity and affected the economic system, health, interpersonal relationships, education and all other aspects of human existence. More specifically, in the educational field, teachers and students needed to adapt to the moment of replacement of on-site classes by the new configuration classes and hybrid teaching. The literature points out that technologies ex-

[1] Doutora em Educação pela Universidade de Trás-Os-Montes e Alto Douro – UTAD (Portugal). Gestora Escolar na SEDUC-PA (Brasil). ORCID ID: https://orcid.org/0000-0003-0168-2843.

[2] Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE; Pedagoga na SEED/PR (Brasil). ORCID ID: https://orcid.org/0000-0003-3374-8333.

[3] Mestre em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Professor de História na SEED/PR (Brasil).

sino híbrido. A literatura aponta que as tecnologias ampliam as possibilidades de ensino e aprendizagem, tendo em vista que os sujeitos em seu cotidiano estão vinculados às diversas perspectivas do seu uso e também pelo fato de estas proporcionarem ao estudante uma relação para além da passividade, quando utilizadas com objetivos pedagógicos específicos. Contudo, a educação remota ou híbrida não substitui a interação professor-aluno e suas relações. Considerando que o processo da pandemia evidenciou as fragilidades sociais de todas as nações, salienta-se a necessidade de maiores investimentos na área educacional, com equipamentos e formação para estudantes e docentes poderem de forma concreta promover uma aprendizagem significativa a partir do uso das tecnologias.

Palavras-Chaves: Pandemia; tecnologia; ensino híbrido; Covid-19.

pand the possibilities of teaching and learning, considering that the subjects in their daily lives are linked to the different perspectives of their use and also because they provide the student with a relationship that goes beyond passivity, when used with specific pedagogical objectives. However, remote or hybrid education does not replace teacher-student interaction and its relationships. Considering that the pandemic process highlighted the social weaknesses of all nations, the need for greater investments in education is highlighted, with equipment and training for students and teachers to be able to concretely promote significant learning from the use of technologies.

Keywords: Pandemic; technology; hybrid teaching; Covid-19.

1. Introdução

Momentos de inquietude, crise econômica, medo, reflexão e sentimentos adversos. Assim podemos traduzir a pandemia mundial da Covid-19, que surgiu no final de 2019. Em questão de pouco tempo, aquilo que parecia tão distante, em outro continente, se propagou para o mundo inteiro, trazendo consigo inquietude e incerteza. Em tempos de globalização, não é apenas a comunicação, o mercado financeiro e as tecnologias que globalizam. Os vírus também estão neste mesmo processo. Já não estamos mais no tempo em que poderíamos controlar essa questão dentro dos limites geográficos. Tudo está conectado e interligado no mundo atual, caracterizando o espaço transnacional e comprometendo em escala global:

> Conforme destacam Piffer e Cruz (2020), apesar de a transnacionalidade não se confundir com a globalização, ela não pode ser dissociada dela, são fenômenos interligados. A transnacionalidade nasce do contexto da globalização. O Estado nacional tem seu modelo atual baseado no território, em um lugar concreto, com o controle das instituições, a criação de leis, a defesa da fronteira, com vistas à proteção de sua soberania. Além disso, o Estado é relativizado pela sociedade inserida na globalização e suas particularidades que se ramificam em várias dimensões e se mesclam, apresentando uma multiplicidade de relações sociais e econômicas que transpassam facilmente as barreiras territoriais. Essa realidade causa efeitos diretos em diversos fundamentos da autoridade nacional, como, por exemplo: fiscalidade, atribuições especiais da polícia, política externa e defesa (Beck, 1998). A sociedade global exige uma

> tratativa jurídica e política que acompanhe a nova realidade e ultrapasse as barreiras do Estado nacional a partir de soluções eficientes a essas novas questões jurídicas. (Garcia *et al.*, 2020: 504)

Mais do que compreender esses movimentos, é preciso ir além e reler os fenômenos não-programados, não-pensados, não-esperados, que diferem daquilo que é decidido, organizado, discutido, implantado, implementado no tecido educacional, chegam impetuosamente e reformulam conceitos sólidos, substanciais, dentro das várias ciências, e não conseguem se amalgamar de imediato àqueles elementos já existentes, porque tal exige novos saberes para se agregarem ao tecido social e serem reconstruídos os processos primeiros, exigência inevitável de novos processos pedagógicos e psicológicos para que se legitime o novo momento histórico.

Foi preciso olhar para a pedagogia, enquanto ciência da educação, na perspectiva materialista histórica e reconhecer esses movimentos. A interpretação, análise e apreensão do conhecimento trazido por cada um deles sugere que se produza um novo conhecimento dentro da práxis pedagógica.

Por essa ótica, analisamos o momento atual com a pandemia, com intervenções que não foram estabelecidas no tecido social nem no sistema educacional, deixando para trás projetos por longo tempo planejados e pensados nos processos didáticos-metodológicos, nos planejamentos, nos conteúdos, nos currículos, nos financiamentos, nas estruturas educacionais. Os conceitos de efemeridade, medo e vulnerabilidade e condutas inesperadas como o isolamento, solidão, fragilidade, inferioridade, ansiedade ganharam grandeza por se sobreporem a todos esses projetos. Essas forças históricas coletivas se agigantaram durante a pandemia e impuseram novos desafios no tecido social e em especial para os aparelhos ideológicos de Estado[4], que veem seus pressupostos ideológicos se esvaziarem, estabelecendo uma relação de dependência dos indivíduos ao aparelho do Estado para resistir às restrições impostas pela pandemia.

Podemos indicar como fenômenos mais recentes desses movimentos da história os eventos como os chamados «Panelaços», iniciados em 1996 na Argentina, manifestos contra as políticas econômica e social do governo Menem que se estenderam por toda a América Latina como forma de descontentamento quanto às ações do governo. De 2013 a 2016, os manifestos contra as políticas do

[4] Para Louis Althusser, os aparelhos ideológicos de Estado são representados pelas instituições e configurados como órgãos opressores (Administração, Exército, Prisões, etc.).

Governo da Presidenta Dilma Rousseff iniciados de forma espontânea e sem organização de entidades, devido ao acréscimo de vinte centavos no transporte urbano, culminaram no processo de *impeachment*. Outros movimentos com características semelhantes foram verificados na Ásia, como a Primavera Árabe, desencadeado pelo confisco de um carrinho de frutas de um vendedor ambulante na Tunísia, o que gerou uma onda de protestos contra o desemprego e a corrupção, levando o presidente a abandonar o país; e em um surpreendente efeito de cascata os regimes considerados autoritários também viram suas fronteiras sendo invadidas por protestos de cidadãos empobrecidos e sem esperança; o Egito viu suas praças e ruas sendo ocupadas, obrigando o então presidente Hosni Mubarak a renunciar depois de 29 anos no poder. Não ficaram de fora as monarquias, tendo Marrocos anunciado uma reforma constitucional como estratégia para acalmar a população. Os comportamentos e condutas dos manifestantes, embora semelhantes, reivindicavam liberdades e reformas constitucionais. Também a Jordânia compulsoriamente reformulou suas políticas. O abandono no qual se encontrava a população também no Kuwait e Arábia Saudita levou os governos a criarem mecanismos de ajuda financeira às populações. Os protestos na Líbia migraram para uma sangrenta guerra civil, levando à morte de seu governante Muammar Kadhafi, persistindo até hoje a instabilidade política. Na Síria, Bashar Al-Assad prometeu lutar até a morte e continua no poder, mesmo com o envolvimento de estudantes universitários para parar a revolução em seus estágios iniciais, que se prorrogou até se transformar em uma sangrenta guerra civil. Mais recentemente, outro fenômeno surpreendeu o mundo: o êxodo hondurenho em 2018, devido ao enorme descontentamento social de uma população também empobrecida e descontente com os caminhos das eleições hondurenhas de 2017.

Esses intrincados movimentos ora políticos, ora civis, ora militares, ora terroristas, presentes não somente no tecido social Sírio, mas na Ásia e parte da África, dissolveram fronteiras demográficas, o que levou ao desproporcional êxodo conduzindo a Europa a uma crise migratória e humanitária sem precedentes. Tais movimentos, apesar de começarem espontaneamente motivados por condições necessárias à sobrevivência, foram e são em muitos momentos capitaneados pelas grandes potências ocidentais.

Outra questão que podemos frisar quanto ao aspecto transnacional da pandemia diz respeito aos fluxos migratórios, e de forma mais enfática ao trânsito para retorno forçado ou mesmo voluntário de migrantes, significando um momento de aflição e incertezas. A tensão ocasionada nas diversas fronteiras pela pandemia permitiu vislumbrar as desigualdades estruturais de forma

ainda mais aberta. As questões migratórias mostraram a faceta excludente do sistema de governos sobre o ser humano, rompendo com as questões de dignidade e de subsistência dos sujeitos relegados à situação de miserabilidade e de exclusão.

A perplexidade deste momento histórico, como podemos observar, rompe com as questões geográficas, com as fronteiras físicas e com as estruturas que até então estavam postas. O combate à pandemia segundo os grandes pesquisadores e cientistas deve ter um olhar para os pilares da democracia, onde, segundo Corrêa e Piffer (2020), cooperação e solidariedade devem estar acima de quaisquer legislações internacionais, de maneira a atenderem as necessidades das populações globais. Para eles a governança para ser democrática deve ressignificar o poder. Assim, um ente democrático deve ser capaz,

> de ressignificar o poder, exercido em âmbito transnacional, em cooperação entre Estados, organizações privadas, corporações multi e transnacionais, visando o enfrentamento de assuntos que oferecem perigos além das fronteiras nacionais, como: meio ambiente, direitos humanos, migrações, corrupção, cujo objetivo seria a tomada de decisões, ampliando os espaços democráticos, em cooperação transnacional com todos os envolvidos, principalmente os Estados. (Corrêa e Piffer, 2020: 48).

Essa remodelação estrutural de rompimento de fronteiras, também alcança o patamar educacional em escala global. Conflui com as reivindicações do tecido social e alterações naturais do meio, fruto das transformações que o homem exerce sobre o meio ambiente, obrigando as nações a reformularem seus objetivos a fim de permitir que as necessidades estruturais deste momento «não-pensado», sejam viabilizados massivamente, apesar dos governos assumirem como suas as mudanças introduzidas em cada tempo, seguindo parâmetros a partir de suas leituras ideológicas.

Com a pandemia, as relações sociais, políticas, econômicas, da área da saúde e educacionais precisaram ser revistas, nesta última de forma mais enfática, na maneira como o ensino-aprendizagem ocorreu nas instituições educacionais. A educação como parte do todo reflete e retrata as questões do âmbito social, ou seja, as alterações do meio social também se fizeram presentes no campo educacional. O que nos leva a um olhar atento à forma com que crianças e adolescentes experienciaram a construção do conhecimento em tempos de pandemia.

2. As novas estruturas no ensino: experiências que resistem

O novo que se configurou como normal e desde então precisou de uma adaptação, de regras pré-estabelecidas para a contenção da disseminação do vírus, que, apesar dos esforços mundiais, continuou em seu processo

de mutação, ampliando ainda mais a sua letalidade. Dentre essas regras, destacam-se o uso de álcool-gel, os protocolos de higiene, o uso de máscara e o distanciamento social.

Aquilo que se pensou ser passageiro, buscando um retorno ao que tínhamos antes da pandemia da Covid-19, foi ganhando um novo patamar. Completámos mais de um ano de pandemia global e, ao que tudo indica, enquanto todos não forem vacinados estaremos longe de visualizar o seu término. Evidentemente, a corrida pela vacina foi um grande avanço, demonstrando o quanto o universo científico precisa de investimentos e valorização por parte de políticas públicas, pois embora tenhamos a vacina, esta ainda permanece distante da totalidade da população mundial, deflagrando um estado ainda mais caótico.

Nesse contexto, a educação sofreu um grande impacto, já que o distanciamento social é um dos pressupostos de contenção do vírus. Aulas presenciais foram suspensas em todos os níveis educacionais: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio, assim como o ensino superior. Desta forma, evidenciou-se o seguinte questionamento: como proceder de forma a dar continuidade ao ano letivo?

A Covid-19 nos levou a uma dessas situações emergenciais. A pandemia afastou os alunos presenciais da educação básica e do ensino superior, das salas de aula. Os gestores educacionais ficaram naturalmente atônitos e a reação demorou um pouco a ocorrer. Surgiram, então, as necessidades de adaptação e de superação, tanto por parte da gestão dos docentes quanto pelos discentes, incluindo toda a sociedade. (Pasini *et al.*, 2020: 3-4)

Essa questão abriu espaço para o ensino remoto a partir do uso das tecnologias da informação. Os profissionais da educação não tiveram tempo para se prepararem de forma adequada para este novo momento. Por outro lado, as tecnologias não são algo tão novo assim, pois têm sido utilizadas nas escolas há bastante tempo. Acerca deste assunto, diversos trabalhos no espaço acadêmico apontam para o uso das mesmas em sala de aula no intuito de colaborar com a aprendizagem dos alunos. Evidentemente que em muitos locais os instrumentos tecnológicos se encontram sucateados, assim como a escola pública do país, o que deixou o seu uso sempre em segundo plano, seja pela falta de laboratórios, de equipamentos, *internet* ou mesmo treinamento ou formação de educadores e alunos. No entanto, neste momento, ainda que de forma distante do ideal, o setor educacional teria que se adaptar e a escola promover a aprendizagem de outras formas, provando

> que suas estruturas não são tão rígidas, e que a palavra de ordem é a flexibilidade, por meio de projetos adaptados à situação, envolvendo a leitura de bons livros, filmes, situações de aprendizagem vinculadas à experiência so-

> cial de isolamento e enfrentamento de uma pandemia mundial, questões que independem de um currículo rígido, demonstrando às escolas que os desafios às crianças são de outra ordem. (Vieira e Ricci, 2020: 3)

Como já salientamos acima, nossa realidade para uma educação remota incorpora algumas dificuldades, características de um país submerso em desigualdades promovidas por um sistema neoliberal excludente. Como afirma Vieira, a pandemia enfatizou as contradições existentes:

> Enquanto algumas crianças têm acesso à tecnologias de ponta, possuem acesso ilimitado à internet e recebem em casa o apoio dos pais/responsáveis, tantas outras ficam à margem deste processo, seja pela falta de equipamento tecnológico adequado em casa, seja pelo fato de os responsáveis dedicarem-se a outras preocupações, seja por estes não terem a formação escolar adequada para orientá-los em relação à realização das atividades, ou, ainda, por situações de extrema pobreza e vulnerabilidade social. (Vieira e Ricci, 2020: 3)

As condições de precariedade social, com a pandemia e a crise econômica que abalou o mercado, foram ampliadas a níveis ainda mais desestruturantes. No sistema neoliberal não se visualiza o Estado de Bem Estar Social[5], especialmente em um momento de crise estrutural e sanitária, no qual as pessoas precisam se alimentar adequadamente. Na verdade, observou-se o aumento dos preços dos bem de consumo primário, dos alimentos da cesta básica, dos preços de combustíveis e até mesmo da energia elétrica e da água. Em tempos de protocolo de higienização, muitas famílias não tinham condições de adquirir o mínimo para se manterem: até mesmo sabão, em diversas famílias, era um artigo inexistente. «Deve salientar-se que para os moradores das periferias pobres do mundo, a *actual* emergência sanitária vem juntar-se a muitas outras emergências» (Santos, 2020: 19).

Mesmo com tais condições, a escola precisou se reinventar e, mais ainda, precisou ter um olhar de acolhimento, um olhar diferencial, para as diversas possibilidades e impossibilidades dos seus estudantes:

> A Educação Básica não estava preparada logisticamente, nem os profissionais formativamente, para esta demanda imediata de adequação ao ensino remoto. Antes da paralisação das aulas presenciais, 88% dos professores nunca tinha dado aula à distância de forma remota, e, além disso, 83% declararam que não se sentiam preparados. Este dado foi obtido através da pesquisa quantitativa por meio de um *survey* online e de amostra por conveniência, realizada pelo Instituto Península com 2,4 mil docentes da Educação Básica

[5] O Estado intervencionista, denominado Estado de Bem-Estar Social, Estado-providência ou Welfare State, surgiu como forma de reverter o processo imposto pelo liberalismo e como um prolongamento natural dos direitos civis.

> em todo o Brasil. Na maior parte das realidades educacionais não há vinculação dos avanços tecnológicos ao processo de ensino em situações habituais. A ausência de uma cultura digital e as desigualdades educacionais e sociais nas redes públicas de ensino agravam a situação para resolução paliativa do problema, constituindo obstáculos para a execução de um plano efetivo. (Santos e Sant'Anna, 2020: 3)

A escola traz consigo a característica de compreender a realidade na qual o sujeito está inserido, possibilitando que este mesmo sujeito tenha a leitura de mundo acerca dessa mesma realidade. Tais questões evidentes de desigualdade social, e que eram observadas mesmo no modelo presencial, tornaram-se mais fortes no ensino remoto e no híbrido, trazendo à tona, de forma mais enfática, o descaso com o setor educacional em nível macro:

> [...] trouxe à tona, também, de forma bastante escancarada, a necessidade de formação docente para este «reinventar da escola», uma vez posta, de forma que nos parece incontornável, a necessidade de finalmente invertermos a chave das práticas pedagógicas, promovendo um ensino ativo — cuja expressão, apesar de repisada, não encontra aplicabilidade efetiva na maior parte dos sistemas educativos — e tornando a pedagogia usuária ativa e indutora das tecnologias. Entendemos que assentir à estas mudanças não significa aderir à ideia da substituição das escolas por plataformas EAD. Mesmo porque, sem dúvida, outra lição deste momento de isolamento é a de que a mobilização de tecnologias para as aprendizagens escolares exige a presença ativa, constante e competente do professor. Ademais, mais do que nunca é inegável que a interação é ponto primordial das relações de ensino-aprendizagem e que a escola, muito mais do que um espaço onde depositam-se textos inertes aos estudantes, é espaço de atuação autônoma e coletiva, de vivências e interação, de relacionamento com o outro de forma física, presencial e humana, mas também uma instância onde as tecnologias podem e devem cumprir o importante papel de apoio dos processos de ensino e de aprendizagem. (Vieira e Ricci, 2020: 4)

O ensino através de plataformas digitais, videochamadas e aulas gravadas dimensionou a prática pedagógica para um novo momento e para uma nova forma de compreender o sujeito que aprende. Diferencialmente do que imaginávamos, nossos alunos ainda apresentam pouca autonomia para criar rotinas de estudo sem orientação, isso em sua grande maioria. O estudante sente-se perdido sem a rotina presencial e sem as trocas que ocorrem no ambiente escolar; afinal, a interação é o pressuposto de aprendizagem. Sem a mediação do professor, mesmo com as aulas gravadas, a aprendizagem deixa de ocorrer em toda a sua capacidade, já que o estudante se limita a ser o ouvinte passivo.

No contexto da pandemia, o ensino remoto deixa para a família o suporte da interação. No entanto, muitas têm dificuldades para acompanhar seus filhos, isto por diversas questões:

> Em relação especificamente aos discentes e seus familiares, a pandemia deixou claro [...] as desigualdades sociais que ainda assolam nosso país e a elitização que há na educação, configurada, ademais da ausência do acesso à internet, pelo compartilhamento de aparelhos eletrônicos entre pais e filhos nas aulas virtuais. Ressalta-se ainda a dificuldade apresentada por muitos alunos e pais na utilização das plataformas digitais, ademais do baixo índice de presenças nas aulas remotas. Um grande fardo foi colocado sobre alunos e suas famílias que de repente tiveram que possuir uma variedade de habilidades, competências e recursos, que muitas famílias ainda não têm. (Barros e Vieira, 2021: 842)

O ensino em 2020 se efetivou a partir das fragilidades constatadas e evidenciadas, com base na educação remota e de maneira a concretizar possibilidades para a superação do impasse causado pela Covid-19 nas aulas presenciais. Usamos o termo «fragilidade» tendo em vista que para cada estudante a realidade era singular. Alguns com precárias condições de subsistência, vendo seus pais desempregados, passando fome, sem aparelhos adequados (computadores ou celulares), passando pelo medo e pela desestruturação; outros em condições pouco melhores, mas com rede de *internet* com sinal oscilante, sem condição de manterem-se conectados; outros ainda com satisfatórias condições de existência e com os meios necessários para aprender remotamente. Algumas residências apresentaram-secom estrutura para que o aluno pudesse assistir às aulas em um ambiente apropriado, outras com várias pessoas no mesmo cômodo, barulho e interferências, que impossibilitavam a concentração, com alunos dividindo um único aparelho celular para acompanhar as aulas.

Na outra ponta, professores sem a devida formação para o momento, aprendendo a se reinventar para que seus alunos tivessem uma oportunidade de aprender em meio ao caos. Horas trabalhadas à exaustão e o contínuo reconstruir-se. Escolas fechadas, pais angustiados e professores relegados a uma carga horária de trabalho nunca antes imaginada. Atendimentos realizados noite dentro, escutas com familiares, planejamento de aulas remotas, *meets*, *classroom*, *Zoom*, mensagens em fluxo contínuo de WhatsApp, busca ativa daqueles alunos que se perdiam pela caminhada, organização de atividades impressas para aqueles sem os meios para a educação com base no uso das tecnologias, etc.

Assim, o ano de 2020 seguiu e, ao seu término, os profissionais da educação e alunos mostraram-se exauridos, mas com a esperança de que o complexo ano da pandemia mundial ficasse apenas na memória e que em 2021 a realidade pudesse ressurgir nos limiares da normalidade, ou seja, com escolas abertas, aulas presenciais, fim das mortes causadas pela Covid-19, maiores condições para a saúde a níveis globais, retomada da economia, mais empregos e a possibilidade dos encontros casuais e do convívio social.

3. Os ambientes virtuais — a educação remota e híbrida

O início de 2021 não foi exatamente o que se esperava, trazendo à tona nos primeiros dias do ano uma dura realidade. A princípio, um falso sentimento de normalidade levou a sociedade a realmente acreditar que tudo poderia ser diferente. Tal concepção durou poucos dias e todos puderam perceber o agravamento da crise econômica, a continuidade do ensino remoto, as aulas híbridas e o colapso do sistema de saúde se ampliando e quantificando em níveis inacreditáveis.

A sequência dos anos pandêmicos ainda estaria distante do fim. A educação, que ansiou por abrir as portas para o ensino presencial, repensou suas estruturas e aderiu ao híbrido. Nova configuração para o atendimento às regras de combate à pandemia, que, no caso do Brasil, tem demonstrado um patamar confuso em meio a uma política instável e aventureira, o que também causa insegurança na população. O ano de 2021, mesmo ao trazer consigo muitas esperanças, trouxe uma certa angústia, ao observarmos que muitas dessas esperanças, já travestidas em formato de vacinação, se desfizeram. Sem vacinas para toda a população, sem condições de saúde e enfrentando de forma mais acentuada uma grande crise sanitária, com a média de mortes chegando à casa das quatro mil por dia. Um cenário difícil de se imaginar, mas real, triste e devastador.

Um vírus tão letal, como tem demonstrado ser o novo coronavírus, não é imparcial, não atinge a todos da mesma forma. É muito mais devastador para os que estão à margem das condições de existência, para as classes mais pobres, para os sujeitos do universo de precarização. De certa forma, é romantizar a questão pensar que o vírus não afeta mais uns do que os outros. Na verdade, afeta, por ser mais impiedoso com aqueles que estão à margem da sociedade e submersos na instabilidade das condições da vida humana.

O dinheiro, *modus operandi* da sociedade, agora compra inclusive oxigênio, e oxigênio é Vida. Nem todos podem permanecer em isolamento social, nem todos podem manter a aquisição dos bens necessários para manter a qualidade de vida, nem todos possuem condições de comprar remédios ou alimentos, e, em caso de colapso do sistema de saúde, nem todos poderão comprar oxigênio para se manterem vivos. Infelizmente, o vírus é letal, mas para alguns o grau de letalidade é muito maior.

A partir da realidade vivenciada no ano de 2020 e sua continuidade em 2021, a educação precisou de passar por redirecionamentos. Como já mencionamos, todo esse processo trouxe à tona de forma mais visível as discrepâncias da área socioeconômica, isto é algo inegável, mas também em outros setores. No campo educacional não foi diferente, e muitas questões ficaram mais visíveis. Contudo, diante do fechamento das escolas e da

interrupção do sistema presencial, buscou-se alternativas para o atual momento, como o sistema remoto e as aulas híbridas, tendo em vista que

> as transformações educacionais ocorridas em virtude da pandemia do Covid-19 trouxeram grandes desafios no Brasil e no mundo. Com a expansão do vírus, políticos e gestores tiveram que tomar medidas emergenciais como a suspensão das aulas presenciais. Em todo o mundo são mais de 90% dos alunos impactados por essas medidas, sendo adotada por algumas instituições educacionais o ensino remoto, mediado pelas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação [...]. (Silva *et al.*, 2020: 36)

É preciso compreender que sistemas remotos de ensino ou mesmo de ensino híbrido não substituem a educação presencial. As tecnologias aplicadas no campo educacional contribuem para o processo ensino e aprendizagem, mas não podem ser trocadas pelo ensino e pela interação presencial. O homem se humaniza em meio às interações com o outro e com o meio em que vive. Neste sentido, passamos das aulas totalmente remotas, durante o primeiro ano de pandemia, para o ensino híbrido:

> Híbrido significa misturado, mesclado [...]. A educação sempre foi misturada, híbrida, sempre combinou vários espaços, tempos, atividades, metodologias, públicos. Esse processo, agora, com a mobilidade e a conectividade, é muito mais perceptível, amplo e profundo: é um ecossistema mais aberto e criativo. Podemos ensinar e aprender de inúmeras formas, em todos os momentos, em múltiplos espaços. Híbrido é um conceito rico, apropriado e complicado. Tudo pode ser misturado, combinado, e podemos, com os mesmos ingredientes, preparar diversos «pratos», com sabores muito diferentes (Moran *et al.*, 2012: 22)

O ensino remoto e híbrido, em toda sua extensão, passa a ser usado como forma de combinar o ensino *online* com o ensino presencial, permanecendo com um número menor de alunos em sala de aula e mantendo assim o distanciamento entre estes. Para que este modelo fosse possível nas escolas, partiu-se da utilização de ferramentas digitais por meio das quais alunos e professores pudessem interagir em espaços físicos diferenciados, ainda que em um mesmo espaço temporal. Uma abordagem diferente do que até então estava presente nos planejamentos pedagógicos:

> Uma abordagem pedagógica que combina atividades presenciais e atividades realizadas por meio das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs). Existem diferentes propostas de como combinar essas atividades, porém, na essência, a estratégia consiste em colocar o foco do processo de aprendizagem no aluno e não mais na transmissão de informação que o professor tradicionalmente realiza. De acordo com essa abordagem, o conteúdo e as instruções sobre um determinado assunto curricular não são transmitidos pelo professor em sala de aula. O aluno estuda o material em diferentes situações e ambientes, e a sala de aula passa

> a ser o lugar de aprender ativamente, realizando atividades de resolução de problemas ou projetos, discussões, laboratórios, entre outros, com o apoio do professor e colaborativamente com os colegas. (Bacich *et al.*, 2015)

Assim, com a perspectiva das tecnologias digitais de informação e comunicação, o ensino remoto e híbrido projeta o aluno como coadjuvante, integrando as TDICs. Necessariamente, o aluno precisa interagir de forma ativa, independentemente de estar no presencial ou no ensino híbrido. O professor continua sendo o mediador do conhecimento e a inserção das tecnologias torna-se um elemento a mais, no qual estudantes e educadores interagem mutuamente:

> O computador e, em especial, a internet, se apenas considerados como meios de lazer ou de busca indiscriminada de informações, perdem o seu caráter educativo e passam a ser meros instrumentos de alienação. Contudo, ignorar sua importância [...] como ferramenta preciosa na construção do conhecimento, na aquisição de habilidades e na interação indivíduo-mundo/indivíduo-sociedade, é fechar as perspectivas do futuro para professor e aluno. Para que essa interação ocorra, é imprescindível [...] formação contínua que lhes permita interagir com o computador em sua prática pedagógica. (Corradini e Misukami, 2013: 90)

As tecnologias assumem, neste sentido, uma perspectiva didática, com um intuito específico. Utilizar as tecnologias de forma livre sem um objetivo previamente construído não caracteriza a ação educativa promovida pela escola. Sem esta ação, os sujeitos permanecem na superficialidade do conhecimento, passivamente observando um volume imenso de informações, sem vislumbrar quais são falseadas ideologicamente ou qual o sentido das informações ali transmitidas.

O processo de construção do conhecimento exige a intencionalidade criativa do sujeito que aprende acerca do objeto do conhecimento. Nossos alunos estão acostumados ao uso das tecnologias voltadas ao lazer, ao uso indiscriminado, as redes sociais como reflexo da atual sociedade, ou seja, volúvel, superficial, consumista e mercadológica, na qual o ter e a posição social são mais importantes do que qualquer outra coisa. Com isso, não queremos negar a imensa contribuição da tecnologia na vida humana, no avanço da ciência ou de qualquer outra área, mas salientar que, em educação, os «novos papéis» assumidos com o auxílio desta, e de forma mais pontual com a crise pandêmica da Covid-19, precisam ser repensados e relacionados com a construção de saberes pedagógicos, com o intuito de colaborarem com o ensino e aprendizagem dos indivíduos, sendo compreendidos aqui como construção de conhecimentos:

> [...] em consequência, os novos papéis docentes na sala de aula virtual são, sobretudo, aqueles relacionados com a gestão de situações educativas virtuais, descentralizadas,

> geograficamente dispersas, sem a perda dos fios condutores, os quais devem conduzir os alunos à conclusão das interações e à realização dos objetivos de aprendizagem previstos, fazendo com que se sintam conectados e em permanente atividade de trabalho. (Santos, 2011: 317)

O conectar-se em uma sociedade digital passa a ser extensão de outras ações. Os sujeitos estão cotidianamente evolvidos com a tecnologia. Talvez o atual momento tenha possibilitado a educação uma profunda reflexão acerca de sua atuação, levando alunos e professores a um salto no tempo, que não voltará para o momento de onde partiu:

> E provavelmente este dado constituirá a tendência de desenvolvimento constante dos próximos anos. Isto implica que as mídias não constituem mais um interesse particular, mas tornam-se o espaço social e cultural entre os quais acontecem todas as nossas práticas individuais e sociais. É como dizer: a comunicação e as mídias entram nas nossas vidas, apresentam-se como novos protagonistas transversais das nossas atividades cotidianas. Estudar as mídias significa sempre mais estudar a nossa cultura, o nosso modo de viver, a antropologia do mundo moderno. É a partir desta consciência que será necessário repensar a formação de crianças, jovens e professores. (Fantin e Rivoltella, 2010: 101)

Ainda que tenhamos vivenciado uma forma abrupta de adequação à educação remota e híbrida, ocasionada pela pandemia, podemos afirmar que buscou-se potencializar outras formas de aprendizagem e que estas formas de aprender com o uso das tecnologias vieram para ficar e para ampliar horizontes educacionais. O acesso à Internet é condição *sine qua non* para que isto possa ocorrer. Assim, faz-se necessária a inclusão de todos os estudantes neste processo, para que realmente possamos ampliar o uso das TDICs na área educacional. Caso contrário, a inclusão dos estudantes permanecerá elitizada e direcionada a poucos, enquanto aqueles sujeitos que já se encontram à margem da sociedade e precarizados continuarão sendo excluídos e com poucas oportunidades de se apropriar de uma educação de qualidade.

Este é um dos grandes entraves para o uso das mídias tecnológicas na educação. Sabemos que muitos aplicativos são gratuitos, mas o acesso à Internet não é. Muitos alunos e suas famílias não têm acesso à Internet, nem aos meios necessários para uma existência digna. As escolas, na sua maioria, são frágeis em suas estruturas, em equipamentos e em formação de docentes e discentes. Há que se investir de forma pontual, através de políticas públicas condizentes com a real necessidade do campo educacional, para que educação e tecnologia não sejam antagônicas. O uso das tecnologias nas diversas áreas da vida humana é uma realidade e esse mergulho na área tecnológica requer mecanismos de disseminação, de partilha e de inclusão a todos. É preciso transpor dificuldades e ampliar formas de aprendizagem.

4. Os grandes desafios

O que vivenciamos na conjuntura da Covid-19 nos remeteu a questões pontuais acerca deste novo momento histórico com repercussões no mundo globalizado e cuja ênfase transnacional rompe, como já foi mencionado neste artigo, com as questões geográficas, com as fronteiras físicas, com o patamar geopolítico, econômico e social e com as estruturas que até então estavam consolidadas. A partir disso, torna-se visível a necessidade de uma nova reorganização na estrutura da Educação. A escola se reinventa a cada dia para motivar o estudante e levá-lo a aprender, tornando-o sujeito desta nova estrutura, de maneira a atuar ativamente. Neste sentido, ultrapassou a rigidez curricular e enfatizou o interagir, o conhecer e o aprender, quebrando regras inseridas na Letra da Lei, inovando currículos, planejamentos e métodos.

Toda esta nova estrutura desafiou conceitos e o abstrato fez-se concreto, demonstrando que a escola não é apenas prédio, tijolos e cimento. Escola é o aluno, o professor, é a comunidade como um todo. Requer um olhar criterioso para sua realidade, de forma a não estigmatizar seus sujeitos. Efetiva-se a necessidade de políticas públicas que promovam a igualdade de acesso de todos os estudantes às práticas educativas e ao arcabouço cultural, às condições essenciais para manutenção da permanência do aluno na escola. Nas palavras de Silva,

> O número de jovens que não possuem acesso à internet é bem superior, o que gera desigualdades sociais entre ricos e os mais vulneráveis. Por isso, é necessário um olhar mais aprofundado acerca da EaD diante desta realidade social, pensando em práticas educativas capazes de promover a cultura, a igualdade, o respeito às diferenças, além de espaço à democratização e expansão do ensino. Embora a grande maioria não tenha acesso à internet, uma parcela de estudantes e professores tenta se aventurar em aulas à distância ou on-line. Boa parte estão pela primeira vez tendo contato com essa didática. Diante disso, surge a preocupação de não estar devidamente preparado, o ritmo é outro, a organização do tempo. Sem horário fixo de aula e sem a figura do professor presente o tempo todo, ele tem que se esforçar mais para aprender o que é proposto. (Silva *et al.*, 2020: 40)

A contribuição das tecnologias não é algo questionável, pois seria como questionar o próprio avanço do homem rumo à sua evolução, mas é desafiador e precisa ser utilizado com o intenção didático-pedagógica nas escolas, não se esvaziando de seu caráter educacional. A pandemia trouxe a possibilidade de descobrir a tecnologia, e alunos, professores e comunidade escolar descobriram-se atores de um novo mundo educacional, cheio de grandes imprevistos, mas ao mesmo tempo surpreendente, ante a capacidade de seus atores de ressignificar a práxis educacional através de procedimentos didático-pedagógicos. Para isso, educadores e alunos precisam estar imersos continuamente nessas

práticas, desvelando mitos e se apropriando do conhecimento técnico de programas, aplicativos, *sites*, etc. Isso passa a ocorrer de forma sistêmica com a garantia de acesso de todos. De que forma estaremos conectados e preparados para o universo tecnológico se não temos acesso a este? Toda essa questão perpassa necessariamente por investimentos voltados para a educação, para a construção de saberes e conhecimentos, para o preparo daquele que interage com o aluno mediando os conhecimentos e para o preparo daquele que busca o aprender. Há muito que vimos ouvindo falar que a escola precisa se inovar, mas para tal é necessário condições concretas que envolvam o saber pensar, refletir, o construir e reconstruir conhecimentos.

Na iminência de chegar a aspectos conclusivos, apresentamos quatro pontos, a saber: primeiro, a pandemia proporcionou, de forma positiva ou negativa, a adequação da sociedade ao novo e, no caso da educação, a adaptação à educação remota e híbrida, sem que esta imposição passasse pela decisão das famílias ou da sociedade; segundo, junto com o formato EaD, emergiu a necessidade da aprendizagem num processo em que ninguém foi preparado previamente, nem professores, nem alunos, nem mesmo as famílias. A interação com as tecnologias não foi acontecendo lentamente, observando-se que o aprender, de fato, não passa de uma satisfação pública do sistema político, de aprovações e índices externos, sem ter condições satisfatórias de acesso a um bom sistema tecnológico ou ainda condições de uma aprendizagem significativa; terceiro, com a pandemia e a necessidade da educação *online*, tornou-se evidente que as desigualdades sociais e econômicas se expressam de modo determinante no acesso aos recursos para a educação EaD, ou seja, como a maioria da população necessita de recursos básicos, como consequência, seus aparelhos de acesso à tecnologia são, na sua maioria, precarizados, impedindo que o ensino remoto e híbrido chegue com qualidade à toda a população; e finalmente o quarto ponto, refletimos sobre que consequências futuras o ensino vai sofrer com a pandemia. Somente quando tudo acabar se poderá, provavelmente, avaliar os reais prejuízos ou avanços sofridos pela sociedade. Uma das hipóteses será o atraso no nível de conhecimento dos discentes; outra, são os avanços que discentes e docentes obterão quanto ao uso de tecnologias, bem-vindas em grande escala ao âmbito educacional. Porém, como ainda estamos em plena pandemia, contamos com reflexões futuras para responder de forma concreta a tais questionamentos.

Bibliografia

Impressa

Althusser, L. (s.d.). *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado.* Editora Presença. Lisboa;

Bacich, L.; Neto, A.T.; Trevisani, F.M. (2015). *Ensino híbrido: Personalização e tecnologia na educação.* Penso. Porto Alegre;

Corrêa, F.R.; Piffer, C. (2020). A Governança Transnacional como Ressignificação do Poder e da Democracia. *Resenha Eleitoral,* **24 (2)**: 43-64.

Garcia, H.S., Santos, K. G.; Ghilardi, L. T. (2021). A Pandemia de Covid-19 como realidade transnacional. *Opinión Jurídica,* **19**: 495-512;

Moran, J.M., Massetto, M. T. e Behrens, M. A. (2012). *Novas tecnologias e mediações pedagógicas*. Papirus. Campinas;

Santos, B.S. (2020). *A cruel pedagogia do vírus*. Almedina. Coimbra;

Digital

Barros, F.C.; Vieira, D.A. (2021, janeiro). Os desafios da educação no período de pandemia. *Brazilian journal of development*, **7 (1)**: 826-849 [versão eletrónica]. Acedido a 24 de abril de 2021, em: doi:10.34117/bjdv7n1-056;

Corradini, S. N. e Misukami, M. G. (2013). Práticas pedagógicas e o uso da informática [Versão eletrônica]. *EXITUS*, **3 (jul-dez)**: 85-92. Acedido a 2 de fevereiro de 2021, em: http://ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/152;

Fantin, M. e Rivoltella, P. C. (2010). Crianças na era digital: Desafios da comunicação e da educação. *Revista de estudos universitários*, **36 (1)**: 89-109 [Versão eletrônica]. Acedido a 2 de fevereiro de 2021, em: http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/%20reu/article/view/464;

Pasini, C. G.; Carvalho, E.; Almeida, L. H. (2020). *A educação híbrida em tempos de pandemia*. Universidade Federal de Santa Maria/Observatório Socioeconômico da Covid-19/Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul. Santa Maria [Versão eletrônica]. Acedido a 24 de março de 2021, em https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/820/2020/06/Textos--para-Discussao-09-Educacao-Hibrida-em--Tempos-de-Pandemia.pdf;

Pena, R.F. (2021, 21 de dezembro). Primavera Árabe. Acedido a 23 de dezembro de 2021, no *website* Brasil Escola: https://brasilescola.uol.com.br/geografia/primavera-Arabe.htm;

Pinto, C.R. (2017). A Trajetória Discursiva das Manifestações de Rua no Brasil (2013-2015). *Lua Nova*, **100**: 119-153. [Versão eletrônica]. Acedido a 24 de abril de 2021, em DOI: http://dx.doi.org/10.1590/ 0102-119153/100];

Santos, G.L. (2011). Ensinar e aprender no meio virtual: Rompendo paradigmas. *Educação e pesquisa*, **37 (2, maio-ago.)**: 307-320 [Versão eletrônica]. Acedido a 24 de abril de 2021, em: https://www.scielo.br/pdf/ep/v37n2/v37n2a07.pdf;

Santos, M.; Sant'Anna, N. F. (2020). Reflexões sobre os desafios para a aprendizagem matemática na educação básica durante a pandemia. *Revista baiana de educação matemática*, **1**: 1-22 [Versão eletrônica]. Acedido a 24 de abril de 2021, em: doi:https://doi.org/10.47207/rbem.v1i.10240;

Silva, E. H.; Neto, J. G.; Santos, M. C. (2020). Os desafios da educação no período de pandemia. *Revista latino-americana de estudos científicos*, **1 (4, jul.-ago.)**: 1-22 [Versão eletrônica]. Acedido a 24 de abril de 2021, em: doi:10.46375/relaec.31695;

Vieira, L.; Ricci, M. C. (2020). *A educação em tempos de pandemia: Soluções emergenciais pelo mundo*. Observatório do Ensino Médio em Santa Catarina. Santa Catarina [Versão eletrônica]. Acedido a 25 de março de 2021, em: https://www.udesc.br/arquivos/udesc/id_cpmenu/7432/EDITORIAL_DE_ABRIL___Let_cia_Vieira_e_Maike_Ricci_final_15882101662453_7432.pdf.